

UM OLHAR SOBRE AS TENTATIVAS DE REALIZAÇÃO DE PROJETOS QUE VISAM A VALORIZAÇÃO DE PATRIMÔNIOS LOCAIS

Juliana Rossato Santi ¹, Cynthia Gindri Haigert ¹, Saul Eduardo Seiguer Milder ²

¹- Acadêmicas do Mestrado em Integração latino Americana. UFSM. Rua Floriano Peixoto, 1184-Prédio Anexo. Santa Maria-RS, 97105-372 email: jsanti@mail.ufsm.br

²- Arqueólogo Doutor Coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas – LEPA- UFSM. Rua Floriano Peixoto, 1184-Prédio Anexo. Santa Maria-RS, 97105-372 email: milder@smail.ufsm.br

Palavras-chave: Cultura material, Patrimônio Cultural, História Oral
Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Resumo- No ano de 2002 fez-se um estudo monográfico junto ao município de Nova Palma, RS. Neste espaço, permaneceram, provas materiais de grupos humanos anteriores, denotadas na cultura material que passou a ser encontrada pelos imigrantes italianos e alemães que ali se fixaram. Neste caso, temos o imigrante como mediador de uma cultura arqueológica da qual não conhece a procedência, e sendo assim, parte de seu conhecimento empírico e utiliza-se de atribuições para com o material, satisfazendo sua necessidade de desvendar o desconhecido. Objetivou-se, portanto, o resgate das atribuições/representações dos descendentes de imigrantes italianos e alemães, para com a cultura material encontrada e a valorização deste patrimônio local. Assim procura-se lançar um novo olhar às conclusões que se teve anteriormente dentro deste projeto. Propõe-se analisar também, sinteticamente outro projeto desenvolvido em 1998 dentro deste espaço e que tinha objetivos semelhantes, o projeto de Jose Itaquí. Busca-se assim verificar a validade destes e a percepção de algumas práticas iniciadas a partir desta construção/conscientização dentro do espaço em questão.

Introdução - O contexto histórico de inserção do estudo destes dois projetos pode ser evidenciado dentro de uma mesma lógica, a questão da colonização e no caso imigrante. Segundo Santi (2003) para garantir a posse de terras do extremo sul do país, ameaçadas constantemente pelos espanhóis, e para diversificar a economia sulista, era preciso povoá-las rapidamente, de preferência fixando o homem a terra através da prática agrícola, pois, até então, predominava na economia gaúcha a pecuária extensiva e as charqueadas. Mas, mesmo após a Independência do país, o norte do Rio Grande do Sul e a encosta do planalto riograndense ainda estavam desocupados. Foi então promovida a colonização de parte do território gaúcho pelos imigrantes italianos e alemães.

Os colonizadores alemães chegaram ao Brasil a partir de 1824. Fundaram várias cidades como Novo Hamburgo, Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires. Em 1875 funda-se por iniciativa do governo imperial as primeiras Colônias Italianas no RS: *Conde d'Eu* (hoje município de Garibaldi), *Dona Isabel* (hoje município de Bento Gonçalves), e *Nova Palmira* ou *Caxias* (hoje município de Caxias do Sul) a nordeste da então Província Gaúcha. Três anos depois, a partir da mesma política de distribuição e ocupação dos lotes coloniais, também em plena encosta, mas já

na porção central da Província, funda-se uma 4ª Colônia de imigração italiana no RS: *Silveira Martins*. (Saquet, 1996, p. 01).

A partir da Quarta Colônia se originaram nove municípios que atualmente são: Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca, São João do Polêsine e Silveira Martins. Dentre eles destacamos Nova Palma, nosso espaço de estudo, que está localizado no Planalto Médio Central e durante o período Imperial no Rio Grande do Sul foi colonizado por imigrantes italianos e também alemães. Os estudos limitaram-se a esse espaço, a Colônia Silveira Martins, mais especificamente o município de Nova Palma, que dela se originou. Dentro do espaço em questão foram realizados dois projetos distintos com a comunidade, objetivando a conscientização e a valorização do patrimônio cultural local.

O primeiro iniciado por José Itaquí em 1998 propôs envolver os educandos de Ensino Fundamental e Médio a reconsiderar seu patrimônio a partir dos objetos contidos em seu universo imediato. Partiu da memória pessoal e familiar, reconstruindo o passado, valorizando a importância dos bens culturais e naturais.

O segundo foi desenvolvido no ano de 2002 e intitulou-se Pedra de Raio e Panela de

Bugre: Cultura material indígena em Nova Palma para a construção de uma monografia. Objetivou o resgate das atribuições/representações dos descendentes de imigrantes italianos e alemães, para com a cultura material indígena encontrada e a valorização deste patrimônio local, através da metodologia da História Oral. Como este espaço, foi ocupado por grupos humanos anteriores à imigração, verificou-se a permanência somente das provas materiais de uma ocupação anterior denotada na cultura material indígena, que passou a ser encontrada pelos imigrantes. A metodologia empregada para o desenvolvimento da pesquisa pode ser descrita por: Pesquisas bibliográficas, a fim de encontrar os fundamentos teóricos para a pesquisa; Estudo do mapa do relevo do município de Nova Palma e carta topográfica; Levantamento e catalogação da cultura material superficial existente nas propriedades dos agricultores; Aplicação de um questionário indireto com os agricultores que encontraram artefatos indígenas, a fim de evidenciar as suas atribuições para com a cultura material encontrada, a partir da História Oral; Gravação, transcrição e interpretação dos dados resgatados.

Tratou-se a cultura material indígena encontrada, e todo o seu contexto ambiental, como um documento explicativo das questões levantadas. Percebeu-se que o grande potencial que o estudo da cultura material tem é a sua capacidade de nos forçar a pensar sobre o mundo que perdemos de uma maneira que não seria possível com o estudo dos documentos apenas¹.

É interessante ressaltar que se procurou, através deste questionário, introduzir uma noção da importância arqueológica do material encontrado. Essa conscientização foi construída partindo da realidade e do conhecimento empírico desses moradores, pois na medida em que as perguntas do questionário foram sendo utilizadas, foi se conhecendo a concepção que essas pessoas possuem a respeito de seus “achados” e, a partir do seu pensamento, utilizou-se o discurso oral na tentativa de fazer com que elas percebessem e aprovassem a necessidade de preservação da cultura material, a qual estão em contato².

Cultura material e história oral: comentários a partir do desenvolvimento do projeto monográfico (2002)

Entende-se por cultura material

¹ SANTI, Juliana Rossato. Pedra de raio e panela de bugre: cultura material indígena em Nova Palma, RS. Monografia. Santa Maria, 2003.

² Idem ao 4.

qualquer tipo de objeto, documentos ou fontes, que possam explicar o cotidiano social. Porém, os objetos, as coisas não falam por si só. Devem sempre estar relacionadas à cultura e a sociedade que os produziram, ou seja, ao seu contexto. Os objetos, no caso os artefatos indígenas, são importantes quando associados a uma realidade cultural, quando isolados, perdem o seu valor.

Toda a sociedade utiliza instrumentos ou objetos: artefatos, para adaptar-se ao ambiente em que vive. Na medida em que as sociedades evoluem, novos instrumentos são criados para atender as necessidades básicas dos seres humanos. Ao conjunto de artefatos e ecofatos criados pelas sociedades, denominamos de cultura material.

A cultura material é uma fonte histórica fundamental no conhecimento das sociedades que não escreveram sobre si mesmas, portanto, é entendida como um remanescente fossilizado das relações sociais. É através da cultura material que podemos conhecer como as sociedades, em diferentes momentos e diferentes lugares, se adaptaram, modificando ou alterando substancialmente o ambiente em que viviam.

Uma das maiores contribuições da história oral é o vislumbamento do múltiplo, do diverso em face de nossas tentativas de compreensão do homem nas suas mais variadas relações com o mundo.

Como pressuposto, a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança para o conceito de história, mas, mais do que isso garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a seqüência histórica e sentir-se parte do contexto em que vivem. (MEIHY, 2000, p.18).

A utilização da história oral como instrumento de pesquisa auxiliou na investigação sobre o significado dos artefatos, já citados anteriormente, para os moradores da região. Através da coleta de depoimentos, pode-se analisar de maneira sistemática, partindo dos discursos dos sujeitos, os diferentes sentidos que atribuem aos artefatos encontrados³.

Para a construção deste estudo, parte-se do princípio que o artefato arqueológico é um produto do trabalho humano e se apresenta com duas facetas: tem uma utilidade prática e empregos secundários. O objeto em si é um meio

³ SANTI, Juliana Rossato. Pedra de raio e panela de bugre: cultura material indígena em Nova Palma, RS. Monografia. Santa Maria, 2003.

de relação entre os indivíduos que vivem em sociedade, pois a cultura material existe entre nós na forma dos artefatos. Esses empregos secundários são as atribuições feitas a ele⁴.

Pretendeu-se evidenciar, então, parte de um sistema de interação entre duas culturas antagônicas. Neste caso, tem-se o imigrante italiano e germânico como mediadores de uma cultura material que parou de ser elaborada, portanto, mediadores de uma cultura arqueológica, da qual não conhecem a procedência. Por isso, partem de seu conhecimento empírico e utilizam-se de atribuições para com o material satisfazendo sua necessidade de desvendar o desconhecido⁵.

Destaca-se, a partir das palavras de Funari (1988), que o artefato arqueológico, em si, não é apenas um remanescente fossilizado de relações sociais, mas, enquanto parte da cultura material, exerce uma mediação nessas relações, atuando como direcionador de atividades humanas, que será interpretado pelo arqueólogo à luz de seu tempo, mas que neste caso sofreu uma interceptação pelo imigrante europeu que o encontrou, e o interpretou à luz de suas possibilidades teóricas.

Leva-se em conta, o processo de inserção deste artefato em uma sociedade viva, provindo de uma sociedade extinta, e através das técnicas da história oral fez-se o resgate atributivo para com esta cultura material. Pois, como atesta Thompson (1992, p.45-46), quando se fala em tradição oral, fala-se de tradição nacional, aquela que permaneceu espalhada de modo geral na boca do povo, que todos diziam e repetiam, camponeses, gentes da cidade, velhos, mulheres, e até mesmo, crianças.

Esclarece-se que para este trabalho os locais onde essa cultura material foi encontrada não foram considerados sítios arqueológicos, mas simplesmente como locais a serem analisados posteriormente, metodicamente em seu contexto, para que possam ser confirmados ou não como sítios arqueológicos.

Com a realização das entrevistas que resgataram as atribuições dos proprietários, para com a cultura material indígena encontrada, sobressaíram-se alguns aspectos, que serão ressaltados, pois são constantemente repetidos pela maioria dos entrevistados⁶.

Tempo – A noção temporal está explícita nas tentativas de aproximação mental com aquilo que se considera o mais antigo

geneologicamente (anterior a chegada dos avós). Atribui-se uma temporalidade ao artefato não expressada em anos.

Juntamente com a questão da temporalidade acrescenta-se a percepção de que os artefatos foram elaborados por seres humanos. Mesmo que o machado polido seja chamado de pedra de raio, infere-se uma elaboração manual, ou seja, a “pedra” não foi elaborada somente pela natureza, mas foi também transformada pela ação humana, pressupondo ainda uma ocupação humana anterior a seus ascendentes.

Utilidade e valor (pragmático e cultural) – A preservação e a conservação dos artefatos está intrinsecamente ligada à idéia de utilidade e valor do artefato. A utilidade neste caso é revelada pelas tentativas de reutilização do material encontrado, pois, na medida em que é construído pela ação humana é um artefato útil para a rotina de quem o transformou.

Da mesma maneira, verifica-se atribuição de valor ao artefato, ou ainda, ele é conservado pela aplicação mental de um possível valor financeiro, cultural ou místico.

Assim, fez-se necessário esse contato direto entre pesquisadores e pesquisados, para que houvesse maiores esclarecimentos sobre o assunto. A partir do momento em que foram sanadas algumas de suas incompreensões em relação a cultura material encontrada, os descendentes de imigrantes italianos e alemães se interessaram pela possibilidade de adquirir novos conhecimentos, processando uma inicial mudança de práticas e de valores que culminou em um novo olhar sobre o patrimônio cultural de seu município.

Conclusão - Dentro do estudo monográfico realizado em 2002, verificam-se que as atribuições dadas à cultura material indígena, no município de Nova Palma, pelos descendentes de imigrantes italianos e germânicos compreendem um universo mental não diferenciado. Extrai-se deste resgate oral concluído, algumas teorias comportamentais dos entrevistados, vislumbradas neste estudo.

A nomeação dos artefatos da cultura material indígena feita pelos descendentes de acordo com sua utilidade, não descarta possíveis utilizações, comprovando a função atribuída, conforme os objetos de sua própria cultura.

A preservação deste patrimônio cultural é realizada através da consideração do mesmo como diferente, não reconhecido dentro da sociedade estudada. Mesmo assim, algumas vezes, se processa uma desconsideração deste patrimônio cultural indígena pela inutilidade dos artefatos, portanto, a sua preservação e

⁴ Idem ao 6.

⁵ Idem ao 6.

⁶ Essas percepções, inclusive os textos que iniciam em itálico, foram retiradas da monografia: SANTI, Juliana Rossato. **Pedra de raio e panela de bugre: cultura material indígena em Nova Palma, RS.** Monografia. Santa Maria, 2003.

conservação estão diretamente ligadas a uma idéia de um possível valor financeiro.

Os artefatos indígenas despertam uma mística, circundada principalmente pelo sentimento do medo (associado à noção medieval de bruxaria) e uma conseqüente negação, não explícita, do valor cultural e histórico para a região.

A noção temporal da proveniência da cultura material indígena em questão, está explícita nas tentativas de aproximação mental com aquilo que consideram mais antigo geneologicamente. É uma temporalidade não expressa em anos e muito insegura, enfatizando-se, principalmente, a época de inserção dos imigrantes europeus na região.

Em todos esses aspectos ressalta-se uma negativa noção de pertencimento desta cultura material indígena para os entrevistados, mesmo sendo destacada como patrimônio do município; mentalmente não pertence à comunidade.

Os resultados obtidos pelo projeto monográfico em 2002 evidenciam a necessidade de um esclarecimento, à população de Nova Palma, para o desenvolvimento de uma consciência preservadora dos materiais que muitas vezes são achados e desprezados por serem desconhecidos ou considerados inúteis. Observaram-se como principais causas para este tipo de comportamento, a falta de incentivos por parte do município na questão da preservação do patrimônio cultural, os levando a não valorização da cultura material existente e ainda, um profundo desconhecimento da importância dos artefatos e a não associação dos mesmos a culturas indígenas.

Ao retornar ao município a impressão que se tem é a de que os dois projetos não conseguiram alcançar a totalidade de seus objetivos que seria a conscientização e a valorização dos seus patrimônios locais.

O projeto desenvolvido por José Itaquí mesmo dispondo de muitas qualidades metodológicas no plano educacional destacou em seu trabalho somente uma parcela patrimonial, ou seja, o patrimônio da época imigrantista. Ao contrário do que ele propunha inicialmente, conseguiu fazer com que a comunidade trabalhada se sentisse italiana e alemã e não brasileira. Criou assim um problema quase que racial e ainda a sobrevalorização destas etnias. Esse fato pode ser evidenciado no próprio ambiente em que ele trabalhou, as escolas que participavam do projeto, pois os alunos afirmam atualmente que são italianos ou alemães ao serem indagados sobre sua nacionalidade. Passaram assim a negar sua identidade cultural local e ainda a negar o seu pertencimento ao

local que vive, destruindo assim qualquer possibilidade de uma construção cidadã.

O trabalho desenvolvido em 2002, já inicia com esse problema denotado acima. Quando propôs-se resgatar as representações dadas a cultura material indígena percebeu-se o quanto se arraigou negativamente nesta comunidade a questão étnica. Assim mesmo tentou-se findar o projeto não levando em conta essas reflexões, e obteve-se alguns resultados positivos como descritos anteriormente, mas não se obteve continuidade. Após um ano o trabalho parou e a questão patrimonial voltou a ser esquecida.

Ao que parece, os projetos desenvolvidos na região até o presente momento tornaram o conjunto patrimonial da comunidade algo isolado, tornando-o acessível somente aos interesses pessoais. Seus resultados poderiam alcançar um melhor desempenho se levassem à comunidade o conhecimento de seu patrimônio como um todo e não como um conjunto multifacetado e distante de patrimônios, e também deveriam existir projetos contínuos e não restritos somente ao período de uma tese ou de uma monografia.

Mas ainda assim, se reconhece que a efetiva mudança nos modos de preservação e valorização dos patrimônios culturais só ocorrerá, juntamente com a mudança das práticas das pessoas e de seus valores. Como se sabe, esse objetivo só será alcançado quando a comunidade conhecer e sentir-se parte de seu patrimônio, por isso, é importante que o município possua projetos de educação e valorização patrimonial ininterruptos como forma de construir novas práticas e valores junto à comunidade.

Referências

- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. São Paulo: Ática, 1988.
- HUTTER, Lucy Maffei. A Imigração italiana no Brasil. In: DE BONI, Luis A. (org). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1987.
- KERN, A. A. (org.). **Arqueologia Pré-História do Rio Grande do Sul**. Kern, Arno A. Et alii. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.
- KERN, Arno Alvarez. **Antecedentes Indígenas**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ URGs, 1994.
- MANFROI, Olívio. Italianos no Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis A. (org). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1987.
- MILDER, Saul Eduardo Seiguer. Caçadores coletores: a problemática arqueológica ambiental sobre os primeiros povoadores do Rio Grande do Sul. **Revista do CEPA**. Vol.23, n. 30. Santa Cruz do sul: Editora da UNISC, 2000. Pg. 7-56.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1994.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992, p. 145-539.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

Revista do CEPA. Vol.23, n. 30. Santa Cruz do sul: Editora da UNISC, 2000.

SAQUET, Marcos Aurélio. **A Construção do Espaço em Nova Palma (RS)**. Nova Palma: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1996.

SOARES, André Luis R. Horticultores Guaranis: Modelos, Problemáticas e Perspectivas. **Revista do CEPA**. Vol.23, n. 30. Santa Cruz do sul: Editora da UNISC, 2000. Pg. 103-141.

TERMINOLOGIA Arqueológica Brasileira para a cerâmica, **Cadernos de Arqueologia**, ano 1, nº1, 1976. Museu de Arqueologia e Artes Populares, UFPR, Paranaguá.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

VÉSCIO, Luis Eugênio. **O crime do Padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul 1893-1928**. Santa Maria: editora ufsm; Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2001.

SANTI, Juliana Rossato. **Pedra de raio e panela de bugre: cultura material indígena em Nova Palma, RS**. Monografia. Santa Maria, 2003.

ITAQUI, José. **Educação Patrimonial. A Experiência da 4ª Colônia**. José Itaquí e María Angélica Villagrán. Santa Maria, Pallotti, 1998.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 3 ed. Edições Loyola: São Paulo, 1996.